

ORÍKÌ: UMA EPISTEMOLOGIA YORÙBÁ ORALITURA E ARTE (VERBAL) - INTERPRETAÇÃO/TRADUÇÃO CULTURAL

Alex Kévin Ouessou Idrissou (UFG)¹

RESUMO: O presente artigo é um resultado parcial de pesquisas e reflexões de estudos sobre as epistemologias *yorùbá*² como herança nas tradições orais africanas das Américas na tentativa de reconstrução do caminho da “palavra viva” que trouxeram as memórias e cosmovisões do continente africano, mais particularmente ao Brasil, revelando suas peculiaridades e importâncias. A partir das minhas recordações e experiências com minha avó materna, Arugbá, carinhosamente chamada Dàádáà, no norte do Benim, na cidade de Parakou, e de análise de alguns poemas *yorùbá*, em guisa de ilustração, aspectos socioculturais são abordados para tratar um fenômeno comunicativo identitário de saudações fortemente presente nas comunidades *yorùbá*, em sua vizinhança e nas Américas: *Oríki*. O faço sob luz dos estudos sobre tradição oral e historiografia africana de Joseph Ki-Zerbo (2010) e Amadou Hampaté Bâ (2010); também a partir dos textos de Ayoh’Omidire (2020, 2005), Idrissou (2020), recentes trabalhos sobre *Oríki* no Brasil. Percebeu-se que *oríki* manifesta-se no Brasil de forma multifacética (em poesias, cânticos, orações...) como uma arte verbal rica e interessante que mobiliza jogos de tradução, conhecimentos socioculturais e até religiosos.

PALAVRAS-CHAVE: Epistemologia. Oralitura. Arte (verbal). Tradução cultural.

ABSTRACT: *This article is a partial result of research and reflections on studies about Yorùbá epistemologies as a heritage in African oral traditions of the Americas in an attempt to reconstruct the path of the “living word” that brought the memories and worldviews of the African continent, more particularly to Brazil, revealing its peculiarities and importance. Based on my memories and experiences with my maternal grandmother, Arugbá, affectionately called Dàádáà, in the north of Benin, in the city of Parakou, and on the analysis of some Yorùbá poems, as illustration, sociocultural aspects appear here to address a communicative phenomenon identity of greetings strongly present in Yorùbá communities, in their neighborhood and in the Americas: Oríki. I do so in the light of studies on oral tradition and African historiography by Joseph Ki-Zerbo (2010) and Amadou Hampaté Bâ (2010); and also from scholars like Ayoh’Omidire (2020, 2005), Idrissou (2020), recent works on Oríki in Brazil. It was noticed that oríki is manifested in Brazil in a multifaceted way (poetry, songs, prayers...) as a rich and interesting verbal art that mobilizes translation games, sociocultural and even religious knowledge.*

KEYWORDS: Epistemology. Oraliture. (Verbal) art. Cultural Translation.

INTRODUÇÃO

A palavra falada tem um lugar predominante nas atividades cotidianas das sociedades africanas. Mesmo com a presença milenar da escrita no continente, a oralidade continua sendo parte integrante da comunidade e do indivíduo, sendo constitutiva da própria identidade individual e coletiva. É elemento chave para a transmissão e preservação da tradição e da sabedoria dos povos, legadas pelos antepassados de geração em geração, de boca em boca ao longo dos séculos. A tradição negro-africana, oral e escrita, baseia-se na palavra, que pode ser profana ou sagrada. Em algumas comunidades, ela contém em si um valor dinâmico e é eficazmente influente, pois ela é vida. A cultura realiza-se, expande-se e permanece pela

¹ Doutorando no Programa de Pós-graduação em Antropologia Social na Universidade Federal de Goiás. E-mail: idrissou.kevin@discente.ufg.br.

² Mantem-se ao longo do texto a grafia da palavra na sua língua original.

escolhidos para ir melhorar a vida na Terra. Ela é composta por ara e ẹmí, respectivamente o corpo e a alma/espírito. Na estruturação de ara, Orí (inú), termo usado para se referir à cabeça (Orí inú é a cabeça interna, espiritual e orí odè a cabeça externa, a parte mais física, onde temos os olhos, o nariz, a boca), que é escolhida no ọrun (dimensão celeste, morada de Ọlọrun tida como “a casa” para onde volta o ser humano ao terminar sua estada na terra, no ayé) é considerado como uma divindade que convém cultuar regularmente para ter uma vida bem-sucedida.

Retratados na literatura e em diversas outras manifestações artísticas, os versos de Ifá trazem exemplos da relevância do orí. Como no poema Eji-Oye, apresentado a seguir, retirado de Abimboḷa (1981). Nele, o personagem Akápò pede ajuda para Ọrúnmilà, que manda ele consultar Ẹṣù. Esse, por sua vez, o aconselha a confessar seus problemas ao seu orí. Diante das realizações de tudo o que ele desejava, Akápò reconhece o poder do orí e decide, de aí por diante, sempre submeter suas dificuldades ao seu orí.

Olóòótọ́ tí n̄ bẹ́ láyé ọ̀ pógún
 (Verdadeiros homens não são mais que vinte na Terra)
 Şikàşiká ibẹ́ wọn ọ̀ mọ́ níwọn ẹgbẹ́fà
 (Maus homens são mais que sessenta)
 Ọjọ́ ẹsan ọ̀ lọ́ títí
 (O dia da vingança não está longe)
 Kò jẹ́ kọ̀ràn dun ni
 (É por isto que não estamos ofendidos)
 A díá fun ọ̀ràn gbogbo tí n̄ dun Akápò
 (Ifá foi consultado sobre todas as coisas que um babalaô desejava)
 Bẹ̀ẹ́ ni wọn ọ̀ dun 'Fá
 (Mas que Ifá não desejava)
 Ọ̀ràn owó n̄ dun Akápò
 (O babalaô não tinha dinheiro)
 Ọ̀ràn obinrín n̄ dun Akápò
 (O babalaô não tinha mulheres)
 Ọ̀ràn omọ́ -bíbí n̄ dun Akápò
 (O babalaô não tinha filhos)
 Akápò wáá lọ́ sọ́ fún Ọ̀rúnmilà
 (Ele foi queixar-se com Ọ̀rúnmilà)
 O ní gbogbo ire gbogbo ni òun n̄ wá
 (Ele disse que estava precisando de todas as coisas boas da vida)
 Ọ̀rúnmilà ní kí Akápò ó lo so fún Ẹṣù
 (Ọ̀rúnmilà disse, que o babalaô fosse fazer suas queixas a Ẹṣù)
 Ẹṣù ní gbogbo ọ̀ràn tí n̄ dun iwọ́ Akápò yí
 (Mas Ẹṣù disse para o babalaô que todas coisas que ele desejava)
 Kò dun Ifá
 (Não eramo o desejo de Ifá)
 Ẹṣù ní iwọ́ Akápò
 (Ẹṣù então avisou o babalaô assim:)
 Orí rẹ́ ní kí o lọ́ rò fún
 ("Você babalaô, vá queixar com seu Orí")
 Nígba tí Akápò se bẹ́ẹ́ tán
 (Quando o babalaô fez como lhe tinha sido ordenado)
 Ọ̀raan rẹ́ẹ́ wáá bẹ́rẹ́ sí í dára
 (Sua vida veio a ser boa)
 Ijọ́ ni Akápò n̄ jó
 (Ele começou a dançar)
 Ayọ́ ní n̄ yọ́

(Ele começou a regozijar-se)
Ó n̄ yin àwon awoo rẹ̀
(Ele estava louvando os seus sacerdotes de Ifá)
Àwọn awoo rẹ̀ n̄ yin Ifá
(E os sacerdotes estavam louvando Ifá)
O ní bẹ̀ẹ̀ gégé
(Ele disse: "Isto foi exato")
Ni àwọn awo òún wí ...
(O que os sacerdotes de Ifá haviam previsto)
N̄jé, ohun gbogbo t'ó bá n̄ dùn mí
(De agora em diante, todas as coisas boas que eu quiser)
Ng ó máa rò f'órí mi
(Eu revelarei para meu Orí)
Orí ẹni ni alágbòràndùn
(O Orí de uma pessoa é seu simpatizante)
Orí, mi là mí o,
(Meu Orí, salve-me)
Ìwo lalágbòràndùn
(Você é meu simpatizante) (ABIMBỌLA, 1981, p. 12)

À imagem do personagem Akápò, acredita-se, nos yorùbá, que Orí tem um papel central na vida do ser humano. Esse é comprovado nas narrativas da criação humana nas quais cada pessoa escolhe o seu conforme seus desejos ou tipos de vida na terra. É a fonte das felicidades ou dos diversos problemas que podem aparecer. Esse poema nos mostra o enorme peso de consideração que lhe é atribuída. Cada um, como Akápò, tem a obrigação de confiar-se ao seu Orí em qualquer circunstância, dando-o as devidas atenções e cuidados para poder levar uma vida em perfeita harmonia com a natureza. Recomenda-se que cada um ao acordar segure seu Orí fazendo suas solicitações antes de procurar qualquer outro òrìṣà.

Para Verger: "O oríkí é uma forma de saudação, em que são enunciados os nomes gloriosos, as divisas, as louvações especiais ao Orìṣà, que exaltam seu poder e recordam fatos e proezas do ancestral divinizado" (VERGER, 1999 p. 38). Apesar do aspecto totalizador que ela veste, a definição do etnólogo francês está longe de ser abrangente. Já Ayoh'Omidire (2005, p.126), após um extenso estudo reservado a *oríkí* na sua tese, chega à conclusão que:

Uma última palavra que merece ser dita a respeito dos *oríkis* em yorùbá é que, conforme deduziu Walter Ong (2000: 34), o fato de os *oríkis* possuírem uma estrutura equilibrada em ritmos, repetições, teses e antíteses, aliteraões e assonâncias, ou seja, toda a gama de recursos que Ong chama de suportes mnemônicos ajuda na sua retenção e transmissão.

O professor Félix Ayoh'Omidire, um dos maiores especialistas no assunto, apresenta nessa citação o que podemos considerar ser a tipologia de um dos gêneros da poética yorùbá mais prezados, executados orgulhosamente pelo yorùbá no sentido de que por esse meio ele expressa, afirma e reafirma sua passagem pelo *ayé*, seu reconhecimento e gratidão pelo visível e/ou invisível, sua conexão e reconexão com tudo o que merece ou não ser louvado, elogiado. Quanto a Risério, no livro *Oríkí Orixá*, ele apresenta uma poética dos *oríkí* a partir de textos originais em yorùbá e, além disso, dedica-se a exercícios de transcrição de *oríkí* destinados a divindades africanas, de que resulta uma coletânea de vinte dois *oríkí* em português. O poeta-antropólogo, ensaísta e historiador baiano parece ir no mesmo sentido quando ele afirma:

Quem se aproxima do *oríkí* impressiona-se de cara com o tecido sonoro do texto e com a sua linguagem hiperbólica. O gosto pelo grandioso é uma trade mark do

gênero. Em outras palavras, o modo de definição do objeto, que encontramos no *oríki*, funda-se na maximização dos traços daquilo que é representado. É a visão enfática, superenfática de personagens, coisas, fenômenos e processos. (RISÉRIO, 2012, p. 45)

Vale ressaltar que existem vários tipos de *oríki* cuja classificação é feita a partir do objeto que o discurso recria. Temos, assim, por exemplo, a classe de *oríki* de pessoas ilustres, *oríki b̀òròkinní*; de *oríki* de cidade, *oríki ilú*; de *oríki* de linhagem, *oríki idilé*, *oríki* de divindades, *oríki òrìsà* entre outros. *Oríki b̀òròkinní* é uma poesia recitada para homenagear pessoas consideradas ilustres dentro da sociedade no dia a dia ou durante eventos especiais. Pode ser na presença ou na ausência da pessoa de que se trata. Esse *oríki* traz uma série de listas daquilo que faz a importância da pessoa concernida, daquilo que faz dela uma celebridade. É um ato de reconhecimento exteriorizado que pode servir para levantar a autoestima e/ou o ego para quem o ouve. O destinatário tem que agradecer aquele que executa essa tarefa, dando-lhe às vezes dinheiro ou algum presente, pois ele se sente honrado e orgulhoso. Quanto ao *oríki idilé*, este se refere à constituição de linhagem, à genealogia das famílias. Ele serve para louvar os ancestrais, lembrando suas qualidades, a parte positiva que tiveram na fundação de uma determinada coletividade. Por meio desse *oríki*, demonstra-se uma gratidão aos que se foram e sem os quais não existiríamos hoje. É a consciência de que o yorùbá não é um ser isolado, que ele pertence a um sistema social bem ancorado e interconectado. Como costuma-se dizer na língua yorùbá: *bi a ò m̀ọ̀ ibi t'a ti m̀ọ̀, a ò le m̀ọ̀ ibi t'a nı́*, ou seja, quando não sabemos de onde vimos, não temos como saber para onde vamos. Ao recitar ou declamar um *oríki idilé*, procura-se fazer prova de apreço, demonstrar gratidão, lembrar a(s) pessoas que ela(s) não pode(m) esquecer quem é ou são. Ele é o arquivo das memórias passadas que ajudam a viver o presente e construir o futuro. Geralmente, quando os pais querem falar de um assunto importante aos seus filhos, ou dar-lhes algum conselho, eles começam ou terminam pela poesia. Pode ser dirigida à família ou a um de seus membros, com o intuito de louvar seus ancestrais, demonstrar apreço ou aplacar sua ira.

Já no *oríki ilú*, as cidades recebem sua parte de elogios. A língua yorùbá costuma personificar os elementos da natureza. Assim, elogiar a terra, a cidade ou qualquer outro elemento da natureza é uma forma de expressar-lhes o reconhecimento, declarar o pacto que liga a cada um desses elementos e que faz com que a nossa vida flua em harmonia. *Oríki ilú* apresenta os elementos constitutivos, como conflitos, enchentes, terremotos, as diferentes dinastias que contribuíram para a fundação do lugar a que se refere. Nele podemos encontrar uma justificativa do nome dado à cidade, ou seja, a(s) fonte(s) de inspiração ou as razões que levaram à escolha do nome. É a noção de pertencimento espacial que junta o indivíduo ao grupo e que movimentam a vida coletiva.

Por último, mencionamos *oríki òrìsà*. *Òrìsà* é uma divindade que protege e serve de intermediário entre os seres humanos e *Olódùmarè*, a divindade suprema. Assim, podemos citar algumas como: *Ọ̀batala* (*òrìsà* criador do mundo, dos homens, dos animais e das plantas), *Ọ̀rùnmilá* (*òrìsà* da profecia), *Şàngó* (*òrìsà* do raio, trovão, da justiça e do fogo), *Ọ̀şun* (*òrìsà* dos rios e de todas as águas doces, da fertilidade, da gestação e do parto), *Yemojá* (a maior *òrìsà* das águas), *Èşù* (*òrìsà* encarregado da comunicação, da conexão entre os homens e o resto dos *òrìsà* e/ou *Olódùmarè*). Abaixo, destacamos alguns exemplos de *Oríki* traduzidos para a língua portuguesa.

Oríki de Oxum

Oxum, mãe da clareza

Oríki Ọ̀şun (Lagos)

1. Iba Ọ̀şun

sociocultural (àṣà ati iṣẹṣẹ⁹), a chama da tocha dos conhecimentos e tradições nas mãos dos mais experientes. A vida comunitária é um fator que possibilita a transmissão dos valores em condições pluridimensionais. Como bem disse a cantora yorùbá Sola Allyson em dupla com Adekunle Gold:

Ojú mērin lo n bi' mọ, ṣùgbón, igba ojú ni n w'omọ.
Omọ t'a ò kọ, a gbẹ'le t'a kọ ta.
Omọ t'a ò kọ, a k'aṣọ t'a n ita
Omọ ni gb'ẹhin, omọ l'ọlá, omọ l'ọlá, omọ n'iyi,
Omọ l'ade, omọ l'ewa, omọ l'aṣọ oh ohh
O daà, bi ò daà, o le daà; o san, bi ò san – a le san¹⁰

Essa canção de sensibilização desses dois artistas yorùbá é um convite para os pais, para a comunidade a não falhar na sua missão porque a criança nasce de duas pessoas, mas cabe a toda uma coletividade vedar na sua educação, na sua instrução, no seu bem-estar, no seu desenvolvimento, etc. Logo na sua infância, a família vai ensinando e interpretando as práticas socialmente aceitas para a prole, que vai apreendendo, vendo, ouvindo, tocando, fazendo e sentindo. Ela vai aprender, por exemplo, que, cada vez que encontra uma pessoa mais velha, deve-se cumprimentá-la formalmente observando uma certa disciplina corporal, como mostra a imagem abaixo. Antigamente, as meninas se ajoelhavam, enquanto os meninos se prosternavam ou também se ajoelhavam, dependendo da região. O adulto responde à saudação da criança e declama para ela o oríkì da linhagem ou o oríkì òriṣà da família paterna ou materna. Cada vez que a ocasião se apresenta, é o momento de lembrar à criança quem ela é, que ela não está sozinha no mundo, de fazê-la internalizar as forças positivas do seu oríkì ou ensiná-la a conhecer melhor o òriṣà padroeiro, o da cidade, o das plantas ou de elementos da natureza, do universo se ela for se dedicar a Ifá ou qualquer outra profissão.

Como aparece a dimensão cultural na tradução de oríkì? Traduzir um oríkì movimenta questões extralinguísticas, socioculturais, filosóficas, até religiosas que podem chegar a um grau de complexidade comprometedor. Uma das dificuldades reside no fato de o yorùbá ser uma língua tonal, portanto um tom erradamente colocando numa palavra pode mudar o sentido não somente desta, mas de todo o conjunto do texto. Um outro assunto que pode ser um quebra-cabeça para o tradutor não avisado a forte presença de onomatopeias no discurso ou de conceitos religiosos que somente os iniciados dominam. A lista é bastante extensa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo se inscreve numa pesquisa que procurou trazer contribuições para o estudo da arte verbal oríkì no universo cultural brasileiro. Ao longo desse processo, passamos por diversos estudos e reflexões a fim de explorar o universo simbólico do oríkì, desde sua matriz africana até suas reconfigurações nas Américas. O texto dialogou com a palavra e a memória numa perspectiva epistemologicamente africana. Logo, apresentamos o oríkì como uma arte verbal com algumas de suas características marcantes, poeticamente expressadas visando a celebrar a vida em todos os seus aspectos, ligar o passado ao presente etc. Através desse

⁹ Em uma vídeo-aula cujo título é “Kini Ifá ati iṣẹṣẹ gan...(What is Ifa and Tradition)?”: o que é Ifá e iṣẹṣẹ?, o Babalawo Ifaseyi Ifasanmi Bamikole dá uma explicação abrangente em yorùbá sobre o conceito de iṣẹṣẹ. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=Uz3ldRDyA6E>>. Acesso em: 15 de agosto de 2021.

¹⁰ A criança nasce de duas pessoas, mas cabe à comunidade criá-la. Mal criada, ela se torna um problema. É ela quem nos sucede, é a maior riqueza que podemos ter, então podemos torná-la uma pessoa melhor. (Tradução nossa). Disponível em: <https://www.jiosaavn.com/lyrics/alujanjankijan-lyrics/CiVTVyEFbQM>. Acesso em: 16 de agosto de 2021.

percurso pelas formas e funções do oríki, levantamos questões acerca da importância dessa arte verbal entre o povo yorubá. Como parte de sua matriz cultural, esta forma de expressão foi trazida pelos povos escravizados ao território hoje conhecido como Brasil. Trazer esses conhecimentos ao âmbito acadêmico é de extrema importância, principalmente pelo fato de que, durante muito tempo, este espaço esteve destinado a um tipo específico de conhecimento que desprestigiou outras epistemologias, cosmovisões e sistemas artísticos de culturas distintas. Oríki, como se tentou mostrar aqui, é fundamentalmente uma expressão que congrega uma forma particular de existir e de se relacionar com a comunidade, com os outros, com a natureza e com o mundo espiritual. Como tal, carrega um amálgama de conhecimentos acumulados ao longo do tempo por incontáveis gerações.

REFERÊNCIAS

- ABIMBOLA, W. A. **Concepção lorubá da Personalidade Humana**. Trad. Luiz L. Marins. Paris, *Centre National de la Recherche Scientifique* Edição Nº 544, 1981
- ALTUNA, Raul. **Cultura tradicional banta**. São Paulo: Edições Paulinas, 2006.
- AYOH'OMIDIRE, F. **Yorubanidade mundializada: o reinado da oralitura em textos yorubá-nigerianos e afro-baianos contemporâneos**, Salvador: UFBA, 2005.
- AYOH'OMIDIRE, F. **Yorubanidade: Oralitura e matriz epistêmica nagô na construção de uma identidade afro-cultural nas Américas**. 1ª edição. Salvador: Editora Segundo Selo, 2020.
- BARBER, K. *I Could Speak until Tomorrow*. **Oríki, Women and the Past in a Yoruba Town**. Edimburgo: Edinburg University Press, 1991.
- KINI IFA ATI ISESE GAN...(What is Ifa and Tradition)?. **Oba Ela Ifa**. Youtube. Novembro de 2020. 11mns52s. Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=Uz3ldRDyA6E>> Acesso em 15 de agosto de 2020.
- KI-ZERBO, J. **Lugar da História na sociedade africana**. In: KI-ZERBO, J (Org): História da África, Metodologia e pré-história da África. São Paulo, Editora Ática/Paris: UNESCO, 2010, Vol. 1.
- IDRISSOU, O.A.K. **Oríki yorubá: uma arte verbal nas Américas – Expressões brasileiras**. Orientador: Emerson Pereti. 2020. Dissertação (Mestrado) – Curso de Literatura Comparada, Programa de Pós-graduação em Literatura Comparada, Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Foz do Iguaçu, 2020. Disponível em < <https://dspace.unila.edu.br/handle/123456789/5995;jsessionid=36FD790C8375D7FF2C8CF2E7D>> Acesso em 12 jan. 2021
- MARTINS, L. **Performances da oralitura: corpo, lugar da memória**. *Letras*: revista do Programa de Pós-Graduação da UFMS. n. 26. p. 68. 2003 Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/11881/7308>> Acesso em 20 out. 2019.
- OYÉWUMÍ, O. **Matripotência: Iyá nos conceitos filosóficos e instituições sociopolíticas** [lorubás]. Trad. de Wanderson Flor do Nascimento
- RISÉRIO, A. **Oríki Orixá**. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2012.
- STELLAR CONNECTIONS: EXPLORATIONS IN CULTURAL ASTRONOMY - Pt. 4, LAWAL BABATUNDE. [SmithsonianNMAI](#). Youtube. 24 de out. de 2012. 1h08mns43s. Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=FckhZP3HfQ>> Acesso em: 25 de março de 2018
- VERGER, P. **Notas sobre o culto aos Orisás e Voduns: na Bahia de Todos os Santos, no Brasil e na Antiga Costa dos escravos na África**, editora USP, 1999.

Recebido em 19-05-2022
Revisões requeridas em 04-03-2023
Aceito em 24-03-2023